

VII Seminário FESPSP - “Juventude, trabalho e profissão: desafios para o futuro no tempo presente”.

28 de outubro a 1 de novembro de 2019

GT 05 - Inovação e mercado de trabalho em Gestão da Informação

### **Leitura Liberta: análise exploratória de um projeto de promoção à leitura na Penitenciária Feminina do Butantã**

Nicole Raissa Costa Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Apresenta os resultados de pesquisa exploratória realizada com o fim de iniciação científica, durante um ano, em um presídio feminino sob o viés de um projeto de promoção à leitura a partir dos conceitos de Biblioteconomia Social, leitura no cárcere, sistema carcerário e o papel do bibliotecário e das bibliotecas neste contexto. Discorre sobre a leitura e sua relevância para o cotidiano do ser humano e suas relações sociais. Desenvolve uma problematização e breve levantamento histórico sobre o sistema carcerário, o sistema carcerário brasileiro, a questão e a presença do gênero feminino nos presídios brasileiros, o papel da mulher no contexto do cárcere e discorre sobre a relevância da leitura e o acesso à informação para a promoção de ressocialização e igualdade aos encarcerados. Apresenta relatos e informações sobre a experiência como voluntária dentro da biblioteca prisional do CPP Feminino "Dra. Marina Marigo Cardoso de Oliveira" de Butantan — popularmente conhecido como Penitenciária Feminina do Butantã — no projeto de promoção à leitura chamado Leitura Liberta, que objetiva o bem-estar e o escape à realidade através da leitura, e mostra o resultado de um questionário realizado para a compreensão do valor dado pelas reclusas a este projeto.

**Palavras-chave:** Biblioteca prisional. Penitenciária Feminina do Butantã.

Biblioteconomia Social. Leitura no cárcere. Projeto Leitura Liberta.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC financiada pela FESPSP.

**Abstract:** Presents the results of exploratory research carried out with the aim of scientific initiation for a year in a female prison under the bias of a project to promote reading and addressing the concepts of Social Librarianship, reading in prison, the prison system and the role of librarians and libraries in this context. It discusses reading and its relevance to the daily life of human beings and their social relations. It develops a problematization and brief historical survey about the prison system, the Brazilian prison system, the issue and the presence of women in Brazilian prisons, the role of women in the context of prison and discusses the relevance of reading and access to information for women. the promotion of resocialization and equality to the incarcerated. Presents reports and information about the experience as a volunteer within the CPP Feminino "Dra. Marina Marigo Cardoso de Oliveira" de Butantan - popularly known as Penitenciária Feminina do Butantã - in the reading promotion project called Leitura Liberta which aims at well-being and the escape of the reality through reading and shows the result of a questionnaire conducted to understand the value given to inmates to this project.

**Key-words:** Prison library. Penitenciária Feminina do Butantã. Social Librarianship. Reading in prison. Leitura Liberta Project.

## 1 INTRODUÇÃO

O papel das bibliotecas, dos bibliotecários e da Biblioteconomia é discutido há tempos pelos mais diversos estudiosos da área. Mais recentemente, surgiram discussões acerca do papel destes nas questões sociais, levando em conta todas as mudanças de nosso cotidiano. A Biblioteconomia enquanto uma ciência milenar, uma área multi e interdisciplinar, apresenta condições de sustentar pesquisas e trabalhos no escopo de mudanças sociais.

Aponta-se o bibliotecário e as bibliotecas como agentes de transformação social, visando fornecer acesso à informação e conseqüentemente ao conhecimento, de modo que atinja toda a população e não mais fique restrita apenas à esfera da elite. A área da Biblioteconomia que se apodera deste assunto é chamada de

Biblioteconomia Social que, de acordo com Civallero (2013 apud LINDEMANN; SPUDEIT; CORRÊA, 2016, p. 711):

Define-se Biblioteconomia Social como sendo uma filosofia de ação dentro da Ciência da Informação, que reivindica uma Biblioteconomia crítica e comprometida socialmente, tanto na teoria como na prática [...] É preciso unir à prática social a prática bibliotecária por meio de uma educação comparada.

Os bibliotecários sempre tiveram de estar por dentro de todas as mudanças da sociedade, atualizando seus acervos por outros que obtivessem a informação mais nova e confiável, pesquisando sobre as novas tecnologias para disponibilizá-las aos seus usuários, buscando maneiras de atrair novos frequentadores a partir da aquisição de lançamentos, atualizando suas políticas de catalogação, indexação, classificação e gestão de acervos, de modo a tratar a informação que mais se adeque à realidade em que vive, entre muitas outras ações. Porém, recai sobre ele uma nova responsabilidade: fazer com que o espaço biblioteca sirva como um ambiente de democracia e acolhimento. A profissão, desde os primórdios, esteve ligada com a responsabilidade social e hoje este é um ponto essencial para o exercício da profissão.

O artigo 2º da cláusula 'e' do Código de Ética Profissional do Bibliotecário (2002) o incita a “[...] contribuir, como cidadão e como profissional, para o incessante desenvolvimento da sociedade e dos princípios legais que regem o país.”

Compreende-se o trabalho com a leitura um papel fundamental do profissional bibliotecário. Não só a aquisição, catalogação, indexação, classificação, como também a mediação, curadoria, incentivo e divulgação da leitura são ações essenciais para que a biblioteca permaneça como um espaço vivo e que atraia leitores.

Em 2015 a ONU apresentou a Agenda 2030, identificando diversos objetivos voltados para a melhoria de vida das pessoas em todos os lugares do mundo até o ano de 2030. Pensando no acesso à informação, especificamente no objetivo 16 existe o tópico que visa “16.10 Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais” (ONU, 2015).

Diante de todas as áreas em que se podem ser vistas as possibilidades de atuação do bibliotecário em prol da transformação social, opta-se por um recorte acerca dos projetos de leitura no cárcere, especificamente o projeto Leitura Liberta destinado às mulheres encarceradas em regime semiaberto da Penitenciária Feminina Dra. Marina Marigo Cardoso de Oliveira, no bairro do Butantã, em São Paulo.

## **2 BIBLIOTECONOMIA SOCIAL: ASPECTOS E APLICAÇÕES**

Sendo ainda um conceito pouco usado e conhecido, entende-se a necessidade de maior conceituação acerca do termo Biblioteconomia Social. Assim, buscou-se na obra “Biblioteconomia Social: Epistemologia transgressora para o Século XXI” (2018), de Daniela Spudeit e Marielle de Moraes (organizadoras) maiores definições sobre o tema diante de diversos contextos. Primeiro, existe o questionamento “O que faz da Biblioteconomia uma disciplina social?” (SILVA, J. 2018, p. 34). Dessa maneira entende-se como social o ato de compartilhamento e partilha entre sujeitos, a ideia de fornecer o benefício para um sujeito, a mediação da informação, além da ideia de se disponibilizar a informação de forma organizada - ato desde sempre ligado à Biblioteconomia principalmente na área técnica. Este último reflete a importância das técnicas biblioteconômicas na Biblioteconomia Social, deixando perceptível que as duas podem e devem se complementar. Em segundo lugar, entende-se a necessidade da partilha da informação como um processo não linear, ou seja, um processo onde o receptor não só ouve como também participa, entrando em um diálogo com o emissor, ideal defendido pela Teoria da Recepção de Hans Robert Jauss e Stuart Hall. Para isto acontecer, há uma implicação de mudança sobre o papel de bibliotecas e de bibliotecários, onde ambos devem focar nos sujeitos da informação para compreender o contexto em que estão inseridos para possibilitarem a mediação da informação tornando-a linear e democrática, viabilizando um avanço da sociedade de forma igualitária e justa. No quadro a seguir, são apresentados os exemplos criados pelo autor Jonathas Luiz Carvalho Silva, participante da obra Biblioteconomia Social: Epistemologia transgressora para o Século XXI, para a promoção da Biblioteconomia Social.

**Quadro 1 – Reprodução dos exemplos do autor Jonathas Luiz Carvalho Silva de perspectivas de atuação social da Biblioteconomia Social.**

Aspectos	Práticas sociais
Estímulo ao livre acesso, democratização e partilha da informação (construção sócio epistemológica da informação)	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Construir a informação com o usuário e não apenas para o usuário;</li> <li><input type="checkbox"/> Superação do modelo emissor/receptor para um modelo mais plural que envolve sujeito/autor, sujeito/mediador e sujeito/usuário;</li> <li><input type="checkbox"/> Compreender as demandas históricas (mediatas e imediatas) da comunidade de usuários;</li> <li><input type="checkbox"/> Compreender a transação da informação como fenômeno dialógico-interacionista;</li> <li><input type="checkbox"/> Dimensionar o conflito na produção da informação como oportunidade para construção do conhecimento;</li> <li><input type="checkbox"/> Valorização da autonomia dos usuários na produção da informação;</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Valorização de ambientes de informação historicamente marginalizados pelo Estado como bibliotecas escolares, públicas, comunitárias e prisionais.</li> </ul>

<p>Foco nos sujeitos da informação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização continuada de estudos de usuários;</li> <li>• Formação e desenvolvimento de coleções construída com base no diálogo com os usuários da informação;</li> <li>• Elaboração dos serviços e produtos de informação com base nos diálogos com a comunidade de usuários;</li> <li>• Uso das tecnologias digitais para favorecer o diálogo entre a comunidade de usuários;</li> <li>• Prática continuada na educação de usuários;</li> <li>• Valorização de sujeitos historicamente marginalizados por preconceitos de raça, credo, perfil socioeconômico, escolaridade etc.</li> </ul>
<p>Mediação da informação agregada à mediação da leitura e mediação cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Práticas de fomento à leitura, pesquisa e cultura</li> <li>• Práticas de fomento à leitura, pesquisa e cultura numa perspectiva interacionista, reconhecendo a pluralidade de demandas da comunidade de usuários;</li> <li>• Uso das tecnologias digitais como computadores e celulares para dinamização das práticas mediacionais;</li> <li>• Compreender a mediação da informação não como uma simples ação, mas como um programa de práticas construtivas de intervenção e interferências junto à comunidade;</li> <li>• Compreender a mediação da informação como atividade técnica,</li> </ul>

	<p>pedagógica e institucional;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A mediação da informação deve ser realizada em qualquer ambiente de informação independente de hierarquias, estruturas, tipologias etc.;</li> </ul>
<p>Políticas de informação (políticas públicas e privadas de informação; programas, projetos, eventos, cursos vinculados e compreendidos como ações de informação)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atuação dos órgãos de classe na composição de políticas públicas e privadas de informação</li> <li>• Criação de programas, projetos, eventos e cursos pelas</li> </ul>

	<p>universidades e órgãos de classe no que se refere aos diversos assuntos/temáticas do campo biblioteconômico-informacional, bem como aos diversos assuntos de interesse geral da sociedade;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Aplicação e dinamização das políticas de informação científica e tecnológica em empresas, universidades e setores da sociedade civil;</li> </ul>
--	--

	<input type="checkbox"/> Estratégias para inclusão digital, tanto por meio da elaboração de políticas públicas, quanto na atuação cotidiana do bibliotecário em ambientes de informação;
Proposição/criação/elaboração/execução de serviços e produtos de informação	<input type="checkbox"/> Proposição de serviços de referência, tais como auxílio bibliográfico e provisão documental, disseminação seletiva da informação por assunto, área de conhecimento, gênero, crença etc. e serviço de informação utilitária como saúde (informações sobre saúde pública, higiene, prevenção de doenças, exercícios físicos, além de informações sobre hospitais públicos, particulares, postos de saúde, ambulâncias, farmácia popular, farmácias particulares, laboratórios, SUS, clínicas, unidades sanitárias, academias populares, academias particulares etc.); cultura e lazer (agenda cultural, calendário de eventos, cinemas, teatros, museus, centros e espaços culturais, salas de exposições, galerias de arte, estádios, órgãos ligados ao esporte); utilidade pública (assistência social ao menor, à mulher, ao idoso etc., associações, assistência legal, juizados, tribunais, prisões, serviço de assistência gratuita, projetos públicos, serviços públicos de pagamento como gás, luz, água, telefone, etc., sindicatos, como tirar documentos de identidade, CPF, título de eleitor e outros,



	<p>segurança, telefones úteis como bombeiros, emergências, polícia, imprensa local); trabalho e emprego (agências de emprego e estágios, oportunidades de empregos, cursos e eventos de qualificação profissional etc.), além de outros</p>
	<p>assuntos referentes à realidade cotidiana dos usuários.</p>
<p>Criação, dinamização e uso das tecnologias nas práticas informacionais de cunho educacional, cultural, ambiental etc.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Criação de bases de dados de acesso livre; Criação de repositórios de acesso livre; Valorização dos periódicos com livre acesso à informação;</li> <li><input type="checkbox"/> Uso dinâmico e dialógico das redes sociais e ferramentas da Web;</li> <li><input type="checkbox"/> Aplicar/executar a tecnologia digital como fenômeno colaborativo da produção da</li> </ul>

	<p>informação;</p> <p><input type="checkbox"/> Aplicação das tecnologias digitais nos ambientes de informação de cunho educacional-cultural e de outras ordens como saúde, meio ambiente etc.</p>
--	---

Fonte: SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. (2018, p. 41-43)

A Biblioteconomia Social se aplica em diversos setores, em diversos contextos, constantemente mantendo o foco nas pessoas.

A máxima de uma Biblioteconomia social no âmbito dos sujeitos da informação é a seguinte: o usuário da informação é usuário em qualquer espaço ou tempo. Partindo deste axioma, o usuário é o elemento central na produção da partilha da informação não agindo apenas como receptor, mas participando dos processos de produção, mediação e apropriação da informação. O foco nos sujeitos representa a perspectiva de proporcionar autonomia aos usuários, a fim de que possam construir suas próprias informações [...] É condição elementar na prática biblioteconômica prover o acesso para os sujeitos da informação em qualquer lugar em que estejam [...]. (SILVA, J. 2018, p. 36)

Trabalhar com a Biblioteconomia Social é ir além da cientificidade e da escrita acadêmica, necessitando colocar os conhecimentos adquiridos em prática, realmente realizando a prática bibliotecária.

Não sei discorrer sobre Biblioteconomia Social de outra forma senão com o sentimento na ponta dos dedos e coração 'entupetado' (sic) de lembranças, emoções por constatar a diferença que o nosso fazer bibliotecário é capaz de alcançar na vida de muitas pessoas. (LINDEMANN, 2018, p. 194)

### **3 LEITURA: UMA AÇÃO HUMANA**

O ato de ler faz parte do cotidiano do ser humano. Uma notícia num *site*, uma informação posta em uma placa de ônibus, um bilhete num papel, uma imagem, um anúncio – a todo momento estamos lendo, interpretando e guardando – ou não – aquelas informações em nossa mente. A ação de ler está atrelada às mais diversas importantes atividades para o convívio e progresso do ser humano enquanto ser racional, como a alfabetização, a comunicação, a interpretação, o pensamento crítico.

Sabe-se que a leitura é muito eficiente na função de adquirir conhecimento, de auxiliar nos movimentos de combate à alienação oferecida pela televisão e demais meios de comunicação, de ajudar na construção da educação de um indivíduo, de questionar o mundo à nossa volta, desenvolver a criatividade, além de nos proporcionar viagens com custo mínimo para universos fantásticos e diferentes do que a realidade nos oferece. Mesmo as obras críticas e teóricas que tratam de fatos nos fazem questionar e pensar formas de melhorar a nossa realidade, não deixando de ser também uma forma momentânea de escapar da forma de vida atual.

Muitos autores trazem a leitura como espécie de escape à realidade. Seja para se livrar do estresse causado pela sociedade cada vez mais apressada e intensa, seja para fugir da realidade muitas vezes difícil que nos cerca. Llosa (2003, n.p.) se refere ao escape da realidade momentâneo por meio da leitura como:

[...] nesse intervalo milagroso, nessa suspensão temporária da vida em que a ilusão literária nos imerge - que parece nos arrancar da cronologia e da história e nos converter em cidadãos de uma pátria sem tempo, imortal - somos outros. Mais intensos, mais ricos, mais complexos, mais felizes, mais lúcidos do que na rotina forçada da nossa vida real. Quando, fechado o livro, posta de parte a ficção, voltamos àquela e a comparamos com o território resplandecente que mal acabamos de deixar, espera-nos uma grande desilusão. Isto é, esta grande confirmação: que a vida sonhada do romance é melhor.

É fato que a leitura proporciona as mais diversas e intensas experiências a todo tipo de leitor, sendo cada experiência muito particular a cada um. Ranganathan (1931, apud FIGUEIREDO, 1992, p. 186) já dizia que “todo leitor tem o seu livro”, explicitando que um leitor sempre terá um livro que lhe agrade esperando por ele, em algum lugar.

#### 4 PROBLEMATIZAÇÕES: SISTEMA CARCERÁRIO, PRISÕES FEMININAS E A LEITURA NO CÁRCERE

Questiona-se a falência do sistema carcerário brasileiro que se refere à ineficiência do sistema punitivo enquanto órgão ressocializador. O artigo 1º da Lei da Execução Penal aponta “A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e **proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e internado.**” (BRASIL, 1984, grifo nosso) determinação que se contradiz com os fatos instigantes ocorridos dentro do sistema prisional do país: diariamente presos são mortos e velados dentro do próprio presídio, sabe-se da existência de cadeias mistas que não se importam com as diferenças de gênero, falta de assistência médica quando um preso é acidentado, superlotação de cadeias, entre outros casos<sup>2</sup> que mostram que o sistema prisional não cumpre o que propõe.

Historicamente os sistemas punitivos foram pensados como uma forma de adestramento social. Eram utilizados como instrumento eficiente de punição para aqueles indivíduos que possuíam uma conduta desviante. Seu objetivo então era tornar os presos aptos a voltar para a sociedade devidamente ressocializados. Gradualmente, esse cenário mudou: o término das punições em espaços públicos, como nos casos da escravidão, trouxe a configuração do sistema punitivo atual, baseado em técnicas de regulação social. Atualmente, são usadas técnicas de vigilância e regras de comportamento disciplinado no sistema prisional. (Barcinski; Cúnico, 2014, n.p.) Segundo Foucault (1987 apud BARCINSKI; CÚNICO, 2014, n.p.), a prisão exerce poder sobre o corpo do apenado, de modo que este fique submetido à sua força como órgão punitivo, tendo seus direitos individuais suspensos. Além disso, “A justiça criminal hoje em dia só funciona e só se justifica por essa perpétua referência a outra coisa que não é ela mesma, por essa incessante reinscrição nos sistemas não jurídicos. Ela está votada a essa requalificação pelo saber” (FOUCAULT, 1987). Em sua mais célebre obra, Foucault

---

<sup>2</sup> Para mais informações: <<https://www.brasil247.com/pt/247/artigos/173879/A-fal%C3%A7%C3%A3o-do-sistema-carcer%C3%A1rio-brasileiro.htm>>.

se debruça em explicar a forma com que o nascimento e perpetuação da prisão até os dias atuais consegue se sustentar, mas fala apenas do âmbito masculino, como se de forma alguma, este conceito fizesse parte do universo feminino.

Tratando-se da mulher encarcerada, encontram-se outros problemas, divergentes dos masculinos, na perspectiva de gênero. Assim, faz-se necessário compreender a qual situação estas mulheres estão submetidas e traçar o seu perfil. O Brasil conta com uma população de 579.7811 pessoas custodiadas no Sistema Penitenciário, sendo 37.380 mulheres.<sup>3</sup> Dentre essas mulheres, 50% cursou apenas o ensino fundamental e a mesma porcentagem têm entre 18 e 29 anos, 68% são negras, 57% são solteiras e a maioria é mãe de filhos menores de 18 anos. O crime mais tradicional cometido por mulheres é o de tráfico de drogas, comumente em parceria com companheiros homens.<sup>4</sup>

A mulher encarcerada é submetida, do mesmo modo como a mulher livre, a um sistema patriarcal e capitalista que produz e reproduz as relações de desigualdade social (Miyamoto; Krohling, 2012, p. 229). Diante deste aspecto, surgem os problemas, dentre eles a questão de que o sistema punitivo brasileiro foi criado por homens e para abrigar apenas os homens (Miyamoto; Krohling, 2012, p. 229). Falase das oportunidades de trabalho oferecidas a essas mulheres, sempre se tratando de atividades consideradas femininas, sendo elas “aulas de culinária, artesanato, jardinagem, costura [...]” (MIYAMOTO; KROHLING, 2012, p. 236) e o problema não termina aí: essas atividades incitam que a encarcerada, pobre e mulher, ao sair da prisão continuará exercendo ocupações que tem mínima relevância ao mercado de trabalho, não obtendo chances de se emancipar. Além disso, existe o problema de o sistema carcerário, em sua maioria, não oferecer suporte para as mulheres grávidas que necessitam de um tratamento diferenciado.

Desta forma, pensando na ressocialização dos encarcerados, Alves (1982, p.

---

<sup>3</sup> Dados retirados de: <<http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2018/01/formacao-relatorio-infopenmulheres.pdf>>

<sup>4</sup> Dados retirados de: <<http://mulheresemprisao.org.br/wp-content/uploads/2015/09/infogr%C3%A1ficomulheresemprisao2.png>>

59) aponta que “O detento deve receber informação, através de cursos, palestras, visitas, para que não fique completamente desatualizado e possa, com mais facilidade, readaptar-se à comunidade de onde veio”.

Alves (1982, p. 58) ainda ressalta:

Para que se reedue o apenado é importante criar-se um ambiente adequado [...] Uma das regalias oferecidas aos reclusos é o direito a algumas modalidades de lazer, tais como a prática de esportes, a assistência à televisão, atividades artísticas, etc. Aqui entra o papel do bibliotecário no sentido de introduzir a leitura nas horas convenientes.

No que se refere a leitura em específico, Llosa (2003, n.p) ressalta que:

[...] é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade, um refúgio para quem tem muito ou muito pouco na vida, onde é possível não ser infeliz, não se sentir incompleto, não ser frustrado nas próprias aspirações.

Essa importância da leitura apontada por Llosa muito se aplica à situação apresentada pelos presos.

Neste âmbito prisional, a prática da leitura é defendida por Vogel (2009 apud SILVA, R. 2012, p. 35) que mostra os benefícios que esta prática pode trazer:

- a) Ter capacidade de ler e ter acesso a materiais de leitura ajuda a lidar melhor com o remorso, a punição, as longas e vazias noites de solidão.
- b) Ter capacidade de ler e interpretar as regras e regulamentos da prisão pode prevenir violações e evitar punições.
- c) Ler traz a consciência do mundo em tempo real e permite que a pessoa encarcerada se mantenha atualizada a respeito da política pública, política em geral, mudanças ambientais, inovações e tecnologias.
- d) Ler oferece dicas de como se comportar.

A partir do levantamento bibliográfico realizado para este tópico, percebe-se que o tema leitura no cárcere ainda é muito precário no que se refere à quantidade de trabalhos produzidos na esfera acadêmica.

## 5 PROJETO LEITURA LIBERTA: PENITENCIÁRIA FEMININA DO BUTANTÃ

O projeto Leitura Liberta foi criado em 2017 pela senhora Geralda, a partir de questões pessoais, uma associada à Pastoral Carcerária <sup>5</sup>, instituição que acompanha e intervém na realidade do cárcere brasileiro de forma cotidiana que visa o desencarceramento em massa e a redução de pena. A instituição tem como objetivos:

- Lutar pelo fim da política de encarceramento em massa no país, através do desencarceramento da população carcerária;
- Encaminhar as denúncias de torturas, maus-tratos e violações de direitos humanos praticados contra as pessoas privadas de liberdade;
- Priorizar a defesa intransigente da vida, bem como a integridade física e moral das pessoas privadas de liberdade;
- Conscientizar a sociedade para a difícil situação do sistema prisional;
- Superar a justiça retributiva por meio da justiça restaurativa;
- Acompanhar as pessoas privadas de liberdade em todas as circunstâncias e atender suas necessidades pessoais e familiares;
- Reuniões de formação, atualização e de espiritualidade da equipe da Pastoral Carcerária.

A seguir, apresenta-se o histórico resumido da instituição, com os fatos principais.

- Década de 1960: A Igreja se faz presente nos cárceres (cadeias e penitenciárias femininas) através das Irmãs do Bom Pastor.
- Década de 1970: Movimentos religiosos realizaram um trabalho edificante nos presídios onde foram permitidos atuar: organizavam jogos e diversões, promoviam reuniões, cursos e “Reflexões Bíblicas”; realizavam celebrações litúrgicas e visitavam os presos e suas famílias.
- 1985: Padre Chico começa a visitar a Casa de Detenção e logo, em seguida, forma um Grupo de voluntários. Aos poucos as reuniões foram acontecendo e a PCr foi tomando rumo e tentando ser uma Igreja dentro dos Presídios.

---

<sup>5</sup> Informações e dados históricos sobre a Instituição estão disponíveis em: <https://carceraria.org.br/apastoral-carceraria>.

- 1986 – Primeira reunião nacional da Pastoral como serviço organizado da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil);
- 1988 - Criação da coordenação nacional e início de contatos com organizações nacionais e internacionais que contestam o sistema penitenciário;
- 1992 – Massacre do Carandiru, que abriu as veias do sistema penitenciário para a sociedade. Pastoral se torna uma referência para aqueles que contestavam as políticas oficiais de repressão e o sistema penal como um todo; □1995 – Ano de total abandono do preso pela sociedade e pelo estado. A Pastoral Carcerária continua a questionar e a cobrar das autoridades, sem respostas, e começa a se organizar em nível de Estado e nacional.
- 1997 – Com o tema “Fraternidade e os Encarcerados”, tendo como lema “Cristo liberta de todas as prisões”, a Campanha da Fraternidade de 1997, motivada pela CNBB, dá maior visibilidade para a situação das pessoas presas e as violências promovidas pelos cárceres no Brasil, além de impulsionar os trabalhos da Pastoral em todo o país.
- 2006 – Pastoral compõe, junto com outras organizações, a primeira formação do Comitê Nacional de Prevenção e combate à Tortura;
- 2010 – Publicação do primeiro relato de monitoramento de locais de privação de liberdade, que oferece um mapa das ocorrências de tortura em cerca de 20 estados;
- 2013 – Reunião com a presidenta Dilma Roussef, na qual representantes da Pastoral Carcerária e outros movimentos sociais apresentam pela primeira vez a Agenda Nacional pelo Desencarceramento;
- 2016 - Lançamento do relatório Tortura em Tempos de Encarceramento em Massa, resultante de acompanhamento e análise do Sistema de Justiça em 105 casos de tortura denunciados. Ocorre o I Encontro Nacional pelo Desencarceramento, com a presença de representantes de 34 organizações e movimentos, que reafirmam os princípios da Agenda.

O projeto acontece às sextas-feiras em que não ocorrem as saídas temporárias, popularmente conhecidas como “saidinhas”, direito das encarceradas que estão sob o regime semi-aberto e tem uma conduta julgada como boa e



adequada. No ano passado, algumas visitas foram canceladas devido a uma rebelião de detentas que ocorreu em uma penitenciária feminina do interior do estado de São Paulo.

Todos os atuantes do projeto são voluntários e para participar é necessário fazer uma breve entrevista com a Geralda, ter mais de 18 anos e apresentar qual o interesse em fazer parte do projeto. Ao menos um voluntário filiado à Pastoral precisa estar presente em cada encontro, pois ele fica “responsável” pela equipe e pelo projeto. Este afiliado se submete a cursos e precisa se dedicar um tempo à Pastoral. A partir do ano de 2019, todo voluntário precisa ser aprovado pela administração da penitenciária antes de poder fazer parte do projeto e frequentar o presídio - não se sabe quais são os critérios utilizados para esta seleção.

O projeto pretende apresentar a importância da leitura nas suas mais diversas formas como um meio de se reeducar e escapar da realidade. São dadas todas essas possibilidades para que as encarceradas tomem o melhor ensinamento para si de acordo com o momento em que estão vivendo. Na penitenciária feminina do Butantã, assim como qualquer outro presídio feminino, se encontram mulheres das mais diversas idades, cores, etnias, sexualidades e vivências, portanto apresentamos temas que possam atingir a todas.

Na prática, o projeto ocorre dentro da biblioteca prisional que é o único lugar em que nós, voluntários, podemos permanecer durante nossa estadia. Não é permitido que ninguém manuseie os livros da biblioteca durante esse período. Em algumas vezes, a bibliotecária (que não é formada em Biblioteconomia) fica na biblioteca acompanhando o projeto. Sempre mudamos os sofás, os *puffs* e as cadeiras de seus lugares originais, colocando-os em roda como é feito em rodas de leitura. Recentemente, nos foi concedido o direito de registrar os encontros com uma câmera fotográfica que permanece dentro do presídio, sendo que não se pode focar o rosto de nenhum participante. Porém, a cada ida existe uma nova restrição em relação a câmera fotográfica. Em todos os encontros propomos algo diferente que é conversado antes no nosso grupo de WhatsApp e assim é feito um cronograma, assim todos podem participar. Focamos em deixar um grande espaço para as presas se expressarem pois temos interesse na comunicação onde o emissor também pode ser receptor. Por fim, há o momento “mão na massa” onde as encarceradas realizam alguma atividade relacionada ao tema conversado durante nossa estadia naquele dia, utilizando de materiais como lápis-de-cor, recortes de revistas, retalhos,

canetinhas coloridas, etc., para produzirem algo artístico. Criamos uma caixa-organizadora para guardar os materiais produzidos pelas moças e pretendemos usá-los como uma justificativa para que a participação no projeto posteriormente vire algum programa de redução de pena. Alguns dos trabalhos realizados na penitenciária foram postados pelos voluntários num *blog* que está disponível *on-line* em:

[<https://mulheresdocppbutantan.blogspot.com/>](https://mulheresdocppbutantan.blogspot.com/).

Retiramos e selecionamos algumas doações de livros para levar para as detentas, já que os livros disponíveis na biblioteca do presídio não podem ser retirados da mesma. Essa seleção consiste em retirar livros que falem de temas como violências, rebeliões, assassinatos e derivados, levando em conta o contexto em que estão inseridas as leitoras. Também fizemos um carimbo com o nome do projeto, de modo a comprovar que os livros que elas estão levando são doados por nós e não pertencem a biblioteca. Procuramos levar livros de diversos gêneros e idiomas, pois os gostos são diferentes e temos todo tipo de público lá; livros com idiomas diferentes do português são importantes porque temos presas estrangeiras na penitenciária. A intenção é que estes livros sejam lidos e depois trocados entre elas, o que acaba resultando em novas amizades e trocas de experiências.

Um dos principais objetivos dessa pesquisa foi compreender o real valor dado às reclusas ao projeto Leitura Liberta. Para isso, foi aplicado em um dia de encontro um pequeno e simples questionário fechado impresso e caneta, que pudesse contribuir com a melhora do trabalho realizado por nós, os voluntários. O questionário consta no Apêndice A. De início, objetivava-se um questionário maior, com possibilidades de respostas escritas ou transcritas pelas encarceradas, como se fossem pequenas entrevistas, porém, ao decorrer da pesquisa, verificou-se a impossibilidade por falta de tempo e pelas burocracias que a prisão trás. O resultado do questionário segue abaixo. Foram recolhidas as respostas de 18 presas, sendo o total de participantes do encontro do dia.

**Tabela 1 – Resultado do questionário aplicado**

Pergunta 1 - Esta é a sua primeira vez no projeto Leitura Liberta?		
Resposta	F.A.S.	F.R.S.

Sim	3	16,7%
Não	15	83,3%
Total	18	100,0%

<b>Pergunta 2 - Se não, contando com o dia de hoje, em quantos encontros você já veio?</b>		
<b>Resposta</b>	<b>F.A.S.</b>	<b>F.R.S.</b>
Dois	0	0,0%
De três a cinco	8	53,3%
Mais de cinco	7	46,7%
Total	15	100,0%

<b>Pergunta 3 - Para você, está claro qual é a proposta do projeto "Leitura Liberta"?</b>		
<b>Resposta</b>	<b>F.A.S.</b>	<b>F.R.S.</b>
Sim	18	100,0%
Não	0	0,0%
Não Sei	0	0,0%
Total	18	100,0%

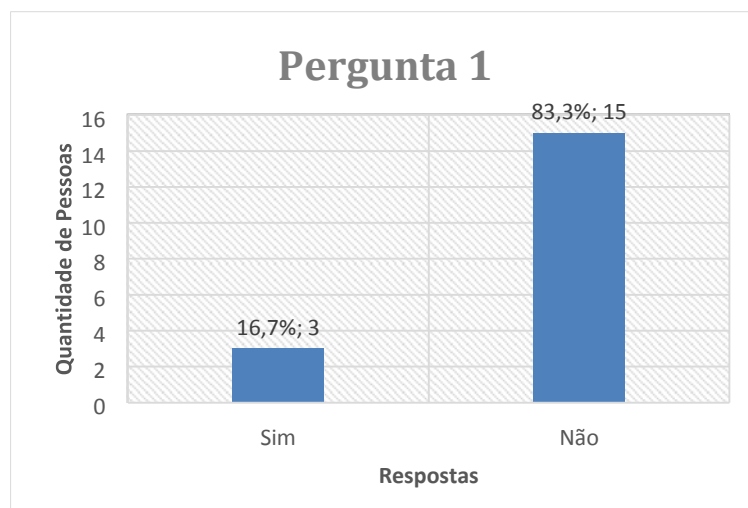
<b>Pergunta 4 - Você costuma frequentar esta biblioteca onde ocorre o projeto Leitura Liberta? Se sim, quantas vezes ao mês?</b>		
<b>Resposta</b>	<b>F.A.S.</b>	<b>F.R.S.</b>
Sim, de uma a duas vezes por mês	8	44,4%
Sim, de três a cinco vezes por mês	5	27,8%
Sim, mais de cinco vezes	0	0,0%
Não frequento	5	27,8%
Total	18	100,0%

<b>Pergunta 5 - Na sua opinião, o projeto trás alguma mudança para seu cotidiano no presídio e na sua vida fora dele?</b>		
---	--	--

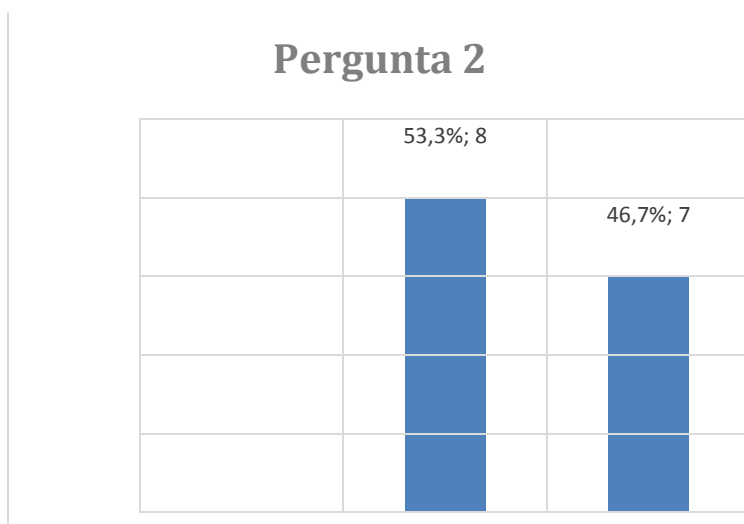
Resposta	F.A.S.	F.R.S.
Sim	18	100,0%
Não	0	0,0%
Total	18	100,0%

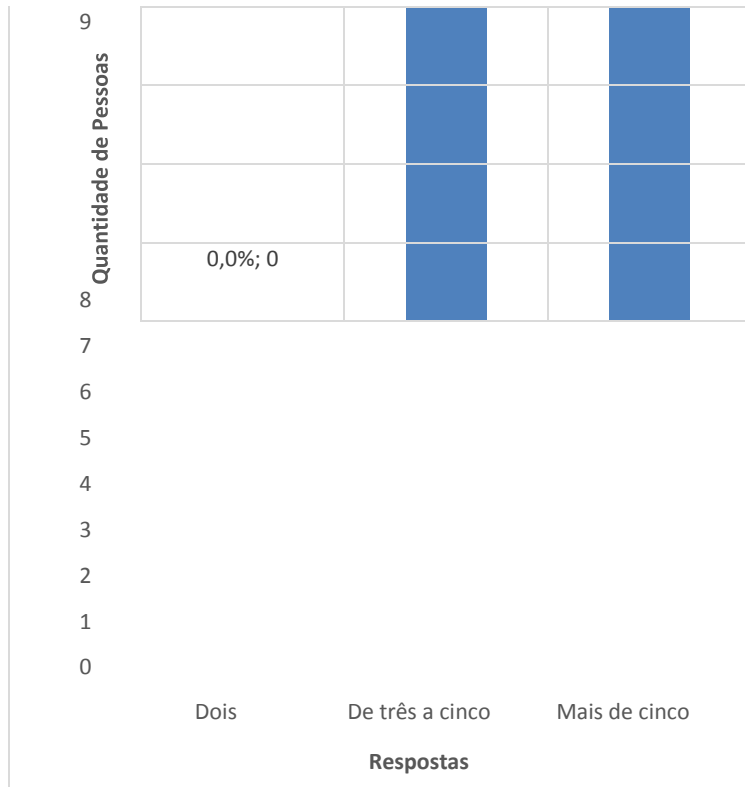
**Legenda:** O significado de F.A.S. é Frequência Absoluta Simples, que é a quantidade de vezes que um dado aparece. F.R.S. é Frequência Relativa Simples que é a porcentagem dessa quantidade.

**Gráfico 1 – Resultados da Pergunta 1**

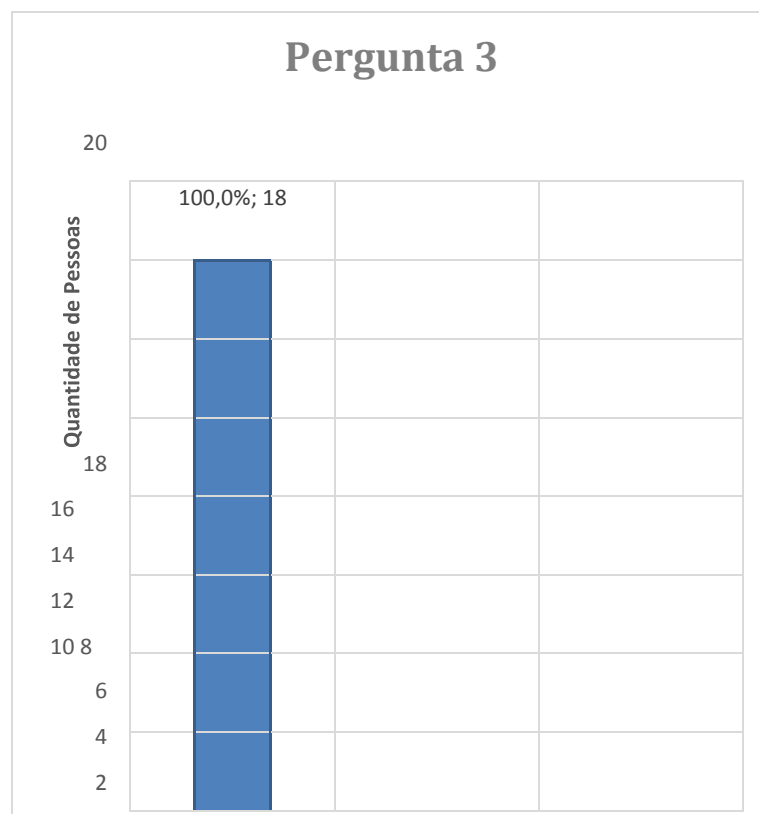


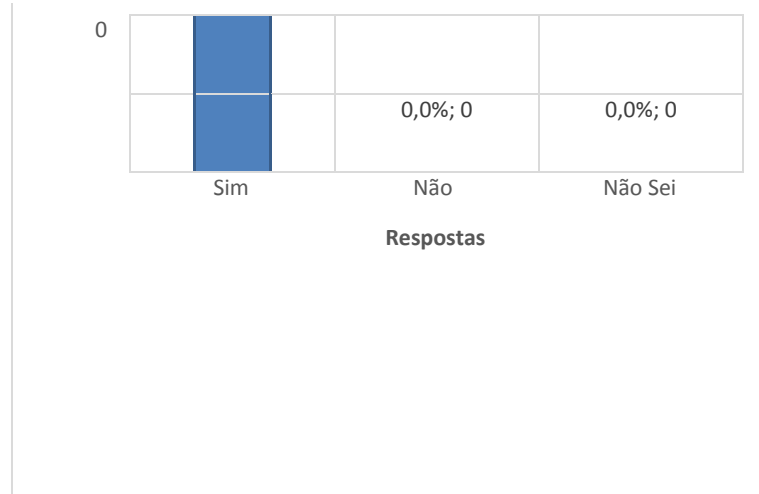
**Gráfico 2 – Resultados da Pergunta 2**



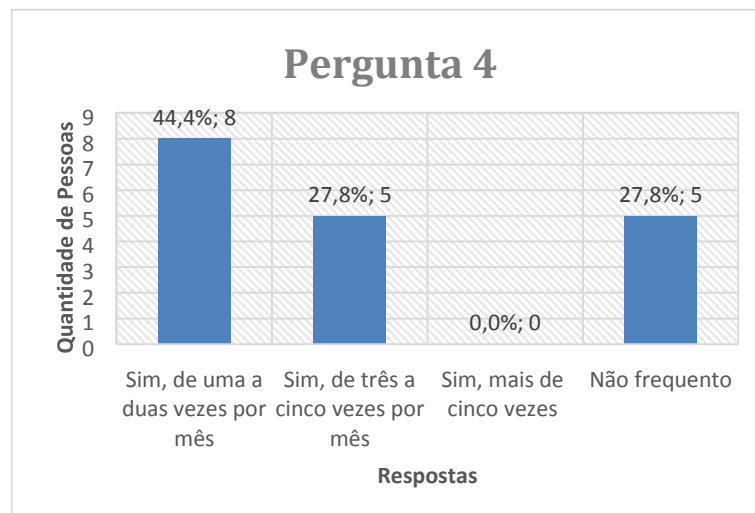


**Gráfico 3 – Resultados da Pergunta 3**

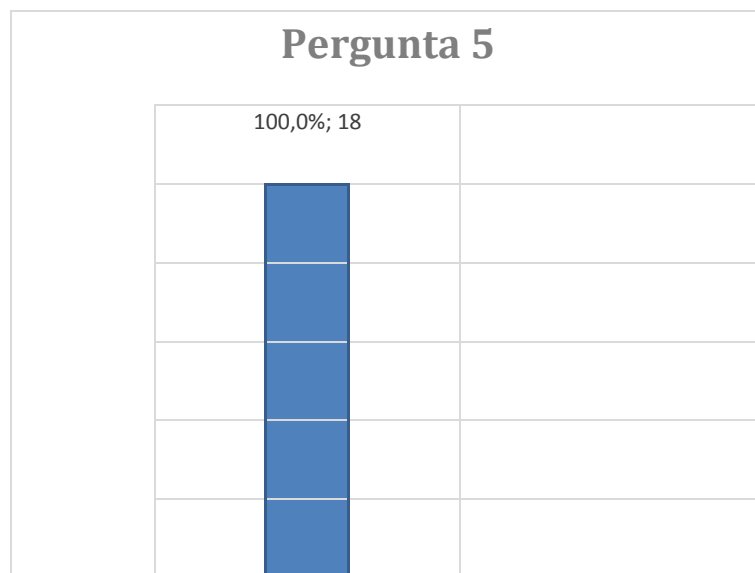


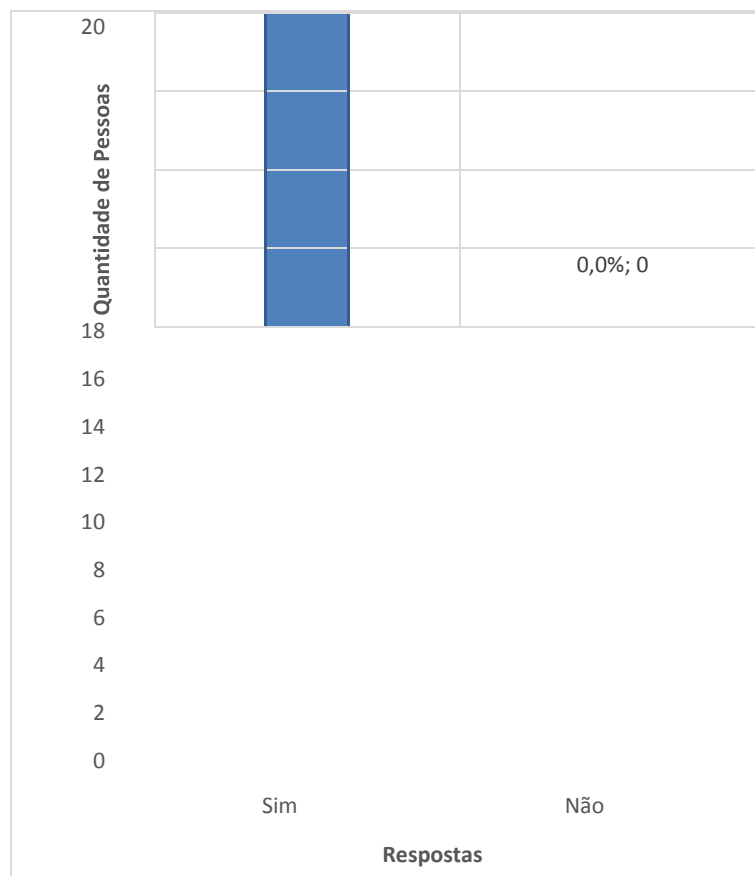


**Gráfico 4 – Resultados da Pergunta 4**



**Gráfico 5 – Resultados da Pergunta 5**





### Considerações finais

Com a aferição dos dados, percebe-se que a maioria das detentas presentes já haviam ido a outros encontros do projeto Leitura Liberta, sendo entre três a cinco encontros anteriores a este do questionário. A maioria delas frequenta a biblioteca prisional entre uma a duas vezes por mês. Todas sabem qual é o objetivo do projeto e acreditam que o projeto traga alguma mudança para seu cotidiano no presídio.

Durante este um ano de pesquisa, compreendeu-se a importância e relevância destes projetos dentro do cárcere enquanto ações culturais de responsabilidade social que poderiam ser realizadas por bibliotecários com todos os seus conhecimentos sobre o poder da leitura e aplicando seus aprendizados adquiridos durante a graduação e durante a experiência profissional que incessantemente busca oferecer suporte ao necessitado pela informação.

## Referências

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, 15(1/2): 54-61, jan./jun. 1982. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf\\_09e78c51e2\\_0018372.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2011/08/pdf_09e78c51e2_0018372.pdf)>. Acesso em: 8 maio 2018.

BARCINSKI, Mariana; CUNICO, Sabrina Daiana. Os efeitos (in)visibilizadores do cárcere: as contradições do sistema prisional. **Psicologia**, Lisboa, v. 28, n. 2, p. 63-70, dez. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S08742049201400020006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S08742049201400020006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 8 maio 2018.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210compilado.htm)>. Acesso em: 8 maio 2018.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Código de Ética Profissional do Bibliotecário**. Brasília, DF, 2002. Disponível: <<http://www.cfb.org.br/wpcontent/uploads/2016/05/Resolu%C3%A7%C3%A3o-42-Codigo-de-EticaProfissional.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2018.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, 21(3): 186-191, set/dez. 1992. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/430/430>>. Acesso em: 7 maio 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

LINDEMANN, Catia; SPUDEIT, Daniela; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma Biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 707-723, dez. 2016. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1211>>. Acesso em: 8 maio 2018.

LINDEMANN, Catia Rejane. Desculpe o transtorno, preciso falar da Biblioteconomia Social. In: MORAES, Marielle de. SPUDEIT, Daniela. (Orgs.) **Biblioteconomia Social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 171-195.



LLOSA, Mário Vargas. **Em defesa do romance**. [S. l.]: [s.n.], [200?]. Disponível em: <http://www.substantivoplural.com.br/wp-content/uploads/2009/10/EM-DEFESA-DOROMANCE.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2018. n.p.

MIYAMOTO, Yumi; KROHLING, Aloísio. Sistema prisional brasileiro sob a perspectiva de gênero: invisibilidade e desigualdade social da mulher encarcerada. **Direito, Estado e Sociedade**, n. 40, p. 223-241, jan/jun. 2012. Disponível em: <<http://direitoestadosociedade.jur.puc-rio.br/media/9artigo40.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2018.

MORAES, Marielle de. SPUDEIT, Daniela. (Orgs.) **Biblioteconomia Social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018.

ONU. **Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis**. [S. l.], 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods16/>>. Acesso em: 7 maio 2018.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas sociais em Biblioteconomia: percepções e aplicações. In: MORAES, Marielle de. SPUDEIT, Daniela. (Orgs.) **Biblioteconomia Social: epistemologia transgressora para o Século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 25-47.

SILVA, Rodolfo Costa da. **Biblioteca prisional: Informação e reintegração**. 2012. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3713/1/2012\\_RodolfoCostadaSilva.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3713/1/2012_RodolfoCostadaSilva.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2018.

**Apêndice A - Questionário aplicado para as encarceradas participantes de um dos encontros do projeto Leitura Liberta na Penitenciária Feminina do Butantã com a intenção de saber qual o valor dado à elas ao projeto e com a intenção de coletar dados para a melhora do projeto por parte dos voluntários.**

1. Esta é a sua primeira vez no projeto Leitura Liberta?

Sim  Não

2. Se não, contando com o dia de hoje, em quantos encontros você já veio?  Dois

De três a cinco  Mais de cinco

3. Para você, está claro qual é a proposta do projeto “Leitura Liberta”?  Sim  Não

Não sei

4. Você costuma frequentar esta biblioteca onde ocorre o projeto Leitura Liberta? Se sim, quantas vezes ao mês?

Sim, de uma a duas vezes por mês  Sim, de três a cinco vezes por mês (

) Sim, mais de cinco vezes  Não frequento

5. Na sua opinião, o projeto trás alguma mudança para seu cotidiano no presídio e na sua vida fora dele?

Sim  Não